

# FUNÇÕES PSÍQUICAS SÓ IMPORTAM “EM FUNÇÃO” DE UM SER HUMANO CONCRETO

Multiplicam-se interpretações funcionalistas que se dão a certa perspectiva dialética materialista em psicologia – a qual se dedicou a fazer uma leitura diferenciada e crítica do que Wundt já denominava “funções psíquicas superiores”. Tais interpretações neofuncionalistas, sob o verniz de “marxistas” que lhes “autorizaria” retoricamente como “críticas”, atentam mais para a forma exterior das “funções” que para seu conteúdo semântico vital. Conteúdo este que se constitui na relação de antítese e indissociabilidade entre “interno” e “externo” – e não pode se dar a ver apenas pela descrição de como um processo “funciona”, senão pela abdução de sua gênese e mesmo pela participação na relação que produz tal gênese agora e para o futuro.

Sobretudo, esse neofuncionalismo pseudomarxista desconsidera que desenvolver-se não é só adquirir “mais” capacidade semioticamente mediada de “lembrar”, “atentar”, “raciocinar” (...). É também produzir modos qualitativamente distintos de significar tais atos que só existem em **função de nossa vida concreta**, multideterminada. Falar, por exemplo de “aspirações”, “atrações”, “interesses” como “forças motrizes”, é tratar de meta-processos interfuncionais semantizados,

ou seja, “dotados de sentido”, que organizam nossa personalidade em seu conjunto dinâmico e contraditório. Por isso, tende ao fracasso a educação, a psicoterapia, ou qualquer área de aplicação da psicologia, que esteja somente preocupada em ajudar as pessoas a desenvolver “funções psíquicas superiores”. Trata-se de algo mais abrangente, contribuir para que a própria pessoa se desenvolva... Não as funções que a pessoa “tem”, mas a pessoa para quem um processo, ou melhor, um sistema de processos cumpre “função”.

Ora, a memória não é algo com estatuto ontológico, não é um “ser”, mas um ato de alguém que está lembrando. Evidentemente lembra-se de acordo com o impulso, a força motriz de suas aspirações, atrações, interesses - e assim por diante. Alguém se pergunta por qual motivo uma criança presta bem atenção a um jogo de videogame e não para a aula de matemática. E conclui que “não existe” problema de atenção. Porém, tampouco se consegue **fazer existir** uma forma de transferir a “capacidade de atenção preservada” para jogar à situação social do ensino escolar. Porque se abstrai as perguntas: “No que uma aula pode interessar?”; “No que ela é atrativa?”; “Como ela realiza aspirações?”.

Isto está pouco discutido, até onde enxergo. Parece estar imperando uma versão neofuncionalista da psicologia marxista conveniente ao modelo neoliberal de “competências e habilidades”, camuflada de “revolução pelo conhecimento”. E se falarmos de interesses, aspirações e atrações, como forças motrizes, tal como Vigotski (Tomo IV, p. 11) podemos ser taxados “escolanovistas” - pior xingamento em educação no jargão das seitas “marxistas” em universidades brasileiras. ■